tordo-b 3/8/11 15:12 Page 7 (Black plate)

# PARTE I

## “AS CINZAS”

tordo-b 3/8/11 15:12 Page 8 (Black plate)

tordo-b:tordo-b 8/11/11 3:13 PM Page 9 (Black plate)

# 1

Olho para os meus sapatos, observando a fina camada de cinza impregnar o couro gasto. Era aqui que ficava a cama que eu dividia com a minha irmã Prim. Ali ficava a mesa da cozinha. Os tijolos da chaminé, que desabou numa pilha de entulho chamuscado pelo fogo, fornecem um ponto de referência para o resto da casa. Não fosse isso, como conseguiria me orientar nesse mar de cinzas?

Quase nada restou do Distrito 12. Um mês atrás, os bombardeios da Capital bloquearam as casas dos pobres mineiros na Costura, as lojas na cidade, até mesmo o Edifício da Justiça. A única área que escapou à incineração foi a Aldeia dos Vitoriosos. Não sei exatamente por quê. Talvez para que as pessoas obrigadas a vir da Capital em função de algum negócio tivessem um local agradável para ficar. Um ou outro repórter. Algum comitê avaliando a condição das minas de carvão. Um esquadrão de Pacificadores em busca de refugiados que tivessem voltado ao distrito.

Mas ninguém voltou, exceto eu. E apenas para uma breve visita. As autoridades no Distrito 13 foram contra a minha volta. Elas entenderam que seria uma empreitada onerosa e sem sentido, tendo em vista que pelo menos uma dúzia de aerodeslizadores invisíveis estão voando acima da minha cabeça para garantir minha proteção e não existe nenhuma informação

relevante que possa conseguir aqui. Entretanto, eu precisava ver o meu distrito. Precisava tanto que transformei o desejo em condição para cooperar com quaisquer dos planos deles.

Finalmente, Plutarch Heavensbee, o Chefe dos Idealizadores dos Jogos que havia organizado os rebeldes na Capital, levantou as mãos e disse:

– Deixe-a ir. Melhor perder um dia do que mais um mês. Talvez um giro rápido pelo 12 seja exatamente o que ela precisa para se convencer de que estamos do mesmo lado.

Do mesmo lado. Sinto uma pontada na têmpora esquerda e pressiono a mão no local. Exatamente onde Johanna Mason me atingiu com o rolo de fio. As lembranças rodopiam na minha cabeça enquanto tento separar o que é verdade do que é falso. Que série de eventos me levou a ficar de pé sobre as ruínas da minha cidade? É difícil porque os efeitos da concussão que ela me proporcionou não diminuíram completamente e meus pensamentos ainda tendem a se misturar. Também, os remédios que eles usam para controlar minha dor e o meu estado de espírito às vezes me fazem ver coisas. Eu acho. Ainda não estou inteiramente convencida de que estava tendo uma alucinação na noite em que o chão do meu quarto de hospital se transformou num tapete de cobras se contorcendo.

Uso a técnica que um dos médicos me sugeriu. Começo com as coisas mais simples que sei que são verdadeiras e sigo em direção às mais complicadas. A lista começa a ficar enrolada na minha cabeça...

*Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. O meu lar é o Distrito 12. Participei dos Jogos Vorazes. Escapei. A Capital me odeia. Peeta foi levado como prisioneiro. Imaginam*

*que ele esteja morto. Há uma grande chance de ele estar morto. Provavelmente é melhor que esteja morto...*

– Katniss. Você acha que é melhor eu descer? – A voz de Gale, meu melhor amigo, me alcança pelo capacete que os rebeldes insistiram que eu usasse. Ele está lá em cima no aerodeslizador, me vigiando cuidadosamente, pronto para descer se algo de errado acontecer. Percebo que estou agachada no chão agora, os cotovelos nas coxas, minha cabeça apertada entre as mãos. Devo estar com a aparência de uma pessoa à beira de um colapso nervoso. Isso não vai dar certo. Não agora que eles finalmente estão começando a retirar minha medicação.

Estico o corpo e dispenso a oferta dele.

– Não, estou legal. – Para reforçar minhas palavras, começo a me afastar de minha antiga casa e tomo o caminho da cidade. Gale pediu para ser deixado no 12 comigo, mas não insistiu no assunto quando recusei sua companhia. Ele compreende o fato de eu não querer ninguém comigo hoje. Nem mesmo ele. Certos passos você tem de dar sozinho.

O verão está tremendamente quente e seco como um osso. Quase não houve chuva para dispersar as pilhas de cinza deixadas pelo ataque. Elas mudam de posição aqui e ali, em reação aos meus passos. Não há nenhuma brisa para espalhá-las. Mantenho os olhos no local que lembro ser a estrada, porque assim que adentrei a Campina não fui cuidadosa e topei com uma pedra. Só que não era uma pedra – era o crânio de alguém. Ele rolou pelo chão e parou com a face voltada para cima e, por um longo tempo, não consegui parar de encarar aqueles dentes, imaginando de quem seriam, pensando em como os meus provavelmente teriam a mesma aparência sob circunstâncias similares.

Permaneço na estrada por puro hábito, mas é uma escolha ruim, porque ela está cheia do que sobrou daqueles que tentaram fugir. Alguns foram totalmente incinerados. Outros, porém, provavelmente assolados pela fumaça, escaparam do pior das chamas e agora encontravam-se nos mais desagradáveis estágios de decomposição, exalando mau cheiro, com a carne decomposta à espera de abutres e cobertos de moscas. *Eu matei você*, penso enquanto passo por uma pilha. *E você. E você.*

Porque eu fiz mesmo isso. Foi a minha flecha, apontada para a brecha do campo de força que cercava a arena, que proporcionou esses bombardeios como retaliação. Isso fez com que Panem inteira se transformasse num verdadeiro caos.

Na minha cabeça, ouço as palavras do presidente Snow, pronunciadas na manhã em que eu deveria começar a Turnê da Vitória. "Katniss Everdeen, a garota em chamas, você acendeu uma fagulha que, se não for contida, pode crescer e se transformar num inferno que destruirá Panem." Acontece que ele não estava exagerando ou simplesmente tentando me assustar. Talvez estivesse tentando genuinamente conseguir minha ajuda. Mas eu já havia colocado em funcionamento algo que não tinha como controlar.

*Queimando. Ainda queimando*, penso, entorpecida. As chamas nas minas de carvão soltam fumaça preta ao longe. Todavia, não sobrou ninguém para se importar com isso. Mais de noventa por cento da população do distrito está morta. Os mais ou menos oitocentos que restaram estão refugiados no Distrito 13 – o que, até onde eu sei, é a mesma coisa que não ter mais casa para o resto da vida.

Sei que não devia pensar nisso; sei que deveria estar grata pela maneira como fomos recebidos. Doentes, feridos, esfo-

meados e de mãos vazias. Mesmo assim, não consigo tirar da cabeça o fato de que o Distrito 13 foi decisivo na destruição do 12. Isso não me absolve de culpa – há culpa suficiente para me manter ocupada. Mas, sem eles, eu não teria feito parte de um complô mais amplo para derrubar a Capital ou tido os recursos para fazê-lo.

Os cidadãos do Distrito 12 não contavam com um movimento de resistência organizado. Não tiveram voz ativa em nada disso. Eles tinham apenas a infelicidade de me ter como um dos seus. Entretanto, alguns sobreviventes acham que é boa sorte finalmente se ver livre do Distrito 12. Ter escapado da interminável escassez de alimentos e da opressão, das perigosas minas, do chicote de nosso último Chefe dos Pacificadores, Romulus Thread. O simples fato de ter um novo lar é visto como uma maravilha já que, até pouco tempo atrás, nem imaginávamos que o Distrito 13 ainda existia.

O crédito pela fuga dos sobreviventes repousa diretamente nos ombros de Gale, embora ele relute em aceitar o fato. Assim que o Massacre Quaternário terminou – assim que fui retirada da arena –, a eletricidade no Distrito 12 foi cortada, as televisões foram apagadas e a Costura ficou num silêncio tão grande que as pessoas podiam ouvir os batimentos cardíacos umas das outras. Ninguém fez nada para protestar ou para comemorar o que havia acontecido na arena. No entanto, no decorrer de quinze minutos, o céu ficou recheado de aeronaves e bombas começaram a chover sobre a cabeça de todos.

Foi Gale quem pensou na Campina, um dos poucos locais que não eram repletos de velhas casas de madeira cobertas de poeira de carvão. Ele conduziu tantos quanto conseguiu naquela direção, incluindo minha mãe e Prim. Ele formou a

equipe que pôs abaixo a cerca – agora apenas uma inofensiva barreira de correntes, com a eletricidade desligada – e acompanhou as pessoas até a floresta. Ele as levou para o único local que lhe ocorreu, o lago que meu pai me mostrara quando eu era pequena. E foi de lá que eles observaram as chamas devastarem tudo o que conheciam no mundo.

Pela manhã, os bombardeiros já haviam ido embora há muito tempo, as chamas estavam se extinguindo, e os últimos grupos já haviam se reunido. Minha mãe e Prim haviam montado uma área médica para os feridos e estavam tentando tratá-los com o que quer que conseguissem obter na floresta. Gale tinha dois conjuntos de arco e flecha, uma faca de caça, uma rede de pesca e mais de oitocentas pessoas aterrorizadas para alimentar. Com a ajuda daqueles cujos corpos estavam aptos, eles conseguiram se virar por três dias. E foi então que o aerodeslizador inesperadamente chegou para evacuá-los para o Distrito 13, onde havia compartimentos brancos e limpos de sobra, prontos para serem habitados. Além de roupa em abundância e três refeições por dia. Os compartimentos tinham a desvantagem de serem no subterrâneo, as roupas eram idênticas e a comida era relativamente sem sabor, mas para os refugiados do 12, essas eram considerações de menor importância. Eles estavam a salvo. Eles estavam recebendo cuidados. Estavam vivos e foram ansiosamente bem recebidos.

Esse entusiasmo foi interpretado como gentileza. Mas um homem chamado Dalton, um refugiado do Distrito 10 que conseguira chegar ao 13 a pé alguns anos antes, vazou para mim o verdadeiro motivo.

– Eles precisam de você. De mim. Eles precisam de todos nós. Pouco tempo atrás ocorreu uma espécie de epidemia de

varíola que matou um montão deles e deixou outros tantos inférteis. Uma nova leva de reprodutores. É assim que eles nos enxergam. – No 10 ele trabalhara em um dos ranchos de carne, mantendo a diversidade genética do gado com a implantação de embriões de vaca congelados muito tempo atrás. Ele provavelmente está certo em relação ao 13, porque não parece haver crianças suficientes por lá. Mas e daí? Nós não estamos sendo mantidos em currais, estamos sendo treinados para trabalhar, as crianças estão sendo educadas. Aqueles que têm mais de quatorze anos obtiveram o direito de ingressar no exército e são chamados respeitosamente de "soldados". Cada refugiado teve direito automático a cidadania concedido pelas autoridades do 13.

Mesmo assim, eu os odeio. Mas, é claro, agora odeio quase todo mundo. Eu mesma mais do que qualquer outra pessoa.

A superfície abaixo de meus pés fica dura e, debaixo do carpete de cinzas, sinto as pedras do calçamento da praça. Ao redor do perímetro existe uma borda rasa de refugos onde ficavam as lojas. Uma pilha de dejetos escurecidos substituiu o Edifício da Justiça. Caminho até o local aproximado da padaria que a família de Peeta possuía. Não restou muita coisa além da protuberância derretida do forno. Os pais de Peeta, seus dois irmãos mais velhos... nenhum deles conseguiu chegar ao 13. Menos de uma dúzia de pessoas do Distrito 12 tidas como abastadas escapou do fogo. De um jeito ou de outro, Peeta não teria o que rever aqui. Exceto a mim...

Afasto-me da padaria e dou uma topada em alguma coisa, perco o equilíbrio e acabo sentada em cima de um pedaço de metal aquecido pelo sol. Fico imaginando o que teria sido aquilo, e então me lembro da recente renovação empreendida

por Thread na praça. Troncos, pelourinhos e isso aqui, o que restou do patíbulo. Ruim. Isso é ruim. Isso traz de volta uma enxurrada de imagens que me atormentam, acordada ou durante o sono. Peeta sendo torturado – afogado, queimado, dilacerado, mutilado, espancado e recebendo choques elétricos – pela Capital, que tenta conseguir informações sobre a rebelião de que ele não dispõe. Fecho bem os olhos e tento alcançá-lo em meio às centenas e centenas de quilômetros para fazer com que meus pensamentos penetrem na mente dele, para informá-lo de que não está sozinho. Mas ele está. E não tenho como ajudá-lo.

Correr. Correr para longe da praça e em direção ao único local que o fogo não destruiu. Passo pelos destroços da casa do prefeito, onde a minha amiga Madge morava. Nenhuma notícia dela ou de sua família. Será que foram evacuados para a Capital por causa da posição do pai dela, ou será que foram deixados nas chamas? Cinzas erguem-se do chão ao meu redor, e ponho a bainha da minha saia na frente da boca. O que ameaça fazer com que eu vomite não é imaginar o que estou aspirando, mas quem.

A grama ficou esturricada e a neve cinzenta caiu aqui também, mas as doze casas de boa qualidade da Aldeia dos Vitoriosos estão intactas. Entro como um raio na casa em que morei no último ano, bato a porta com força e me encosto nela. O lugar parece intocado. Limpo. Assustadoramente quieto. Por que será que voltei ao 12? Como essa visita pode me ajudar a responder à pergunta da qual não consigo escapar?

– O que é que vou fazer? – sussurro para as paredes. Porque realmente não sei.

As pessoas não param de falar ao meu redor. Falam, falam, falam. Plutarch Heavensbee. Sua contadora assistente, Fulvia

Cardew. Um amontoado de líderes de distritos. Oficiais militares. Mas não Alma Coin, a presidenta do 13, que apenas observa. Ela deve ter uns cinquenta anos, seus cabelos grisalhos caem como um lençol por cima dos ombros. Sou um tanto quanto fascinada pelos cabelos dela. São tão uniformes, tão perfeitos, com um caimento tão preciso. Seus olhos são cinzentos, mas não como os olhos das pessoas da Costura. Eles são bem pálidos, como se quase toda a cor tivesse sido sugada deles. Da cor da neve caída no chão que você gostaria que derretesse.

O que eles querem é que eu assuma verdadeiramente o papel que designaram para mim. O símbolo da revolução. O Tordo. Não é suficiente o que fiz no passado, desafiando a Capital nos Jogos, fornecendo um ponto de reorganização. Devo agora tornar-me a líder real, o rosto, a voz, o corpo da revolução. A pessoa com quem os distritos – a maioria dos quais estão agora abertamente em guerra com a Capital – podem contar para incendiar a trilha em direção à vitória. Não vou ter de fazer isso sozinha. Eles têm toda uma equipe para me auxiliar, para me vestir, para escrever meus discursos, orquestrar minhas aparições – como se isso não soasse horrivelmente familiar – e tudo o que tenho de fazer é desempenhar o meu papel. Às vezes os ouço e às vezes apenas observo a linha perfeita do penteado de Coin e tento decidir se aquilo não é uma peruca. Por fim, saio da sala porque minha cabeça começa a doer ou porque está na hora de comer ou porque se eu não voltar para a superfície imediatamente, é bem provável que comece a berrar. Não me preocupo em dizer coisa alguma. Eu simplesmente me levanto e saio.

Ontem à tarde, quando a porta estava se fechando atrás de mim, ouvi Coin dizer:

– Eu disse para você que devíamos ter resgatado o garoto primeiro. – Falava de Peeta. Eu estou totalmente de acordo. Ele teria sido um excelente porta-voz.

E quem foi que eles fisgaram da arena em vez disso? Eu, que me recuso a cooperar. Beetee, um antigo inventor do 3, que raramente vejo porque foi levado para o setor de desenvolvimento de armas assim que conseguiu se sentar no leito hospitalar. Eles literalmente empurraram a cama dele até uma área supersecreta e agora ele só aparece de vez em quando para fazer as refeições. Ele é muito inteligente e está bastante disposto a ajudar, mas não é o que podemos chamar de um sujeito totalmente dedicado à causa. Aí temos também Finnick Odair, o símbolo sexual do distrito de pesca, que manteve Peeta vivo na arena quando eu não tinha mais condições de cuidar disso. Eles também querem transformar Finnick num líder rebelde, mas primeiro terão de conseguir mantê-lo acordado por mais de cinco minutos. Mesmo quando está consciente, você precisa falar tudo três vezes com ele para que a coisa entre em seu cérebro. Os médicos dizem que isso é resultado do choque que ele recebeu na arena, mas sei que a coisa é bem mais complicada. Sei que Finnick não consegue se concentrar em nada no 13 porque está tentando com muito afinco ver o que está acontecendo na Capital com Annie, a garota louca de seu distrito que é a única pessoa no mundo que ele ama.

Apesar das sérias reservas, fui obrigada a perdoar Finnick por seu papel na conspiração que me trouxe até aqui. Ele, pelo menos, faz alguma ideia do que estou passando. E é preciso muita energia para ficar com raiva de alguém que chora tanto.

Circulo pela casa com pés de caçadora, relutando em produzir alguma espécie de som. Pego algumas lembranças: uma

foto de meus pais no dia do casamento, uma fitinha de cabelo azul para Prim, o livro da família sobre plantas medicinais e comestíveis. O livro cai aberto numa página com flores amarelas e o fecho rapidamente porque foi o pincel de Peeta quem as pintou.

*O que eu vou fazer?*

Existe algum sentido em fazer o que quer que seja? Minha mãe, minha irmã e a família de Gale estão finalmente a salvo. Quanto ao restante do 12, as pessoas ou estão mortas, o que é irreversível, ou protegidas no 13. Sobram então os rebeldes nos distritos. É claro que odeio a Capital, mas não confio no fato de que, ao assumir o papel de Tordo, estarei beneficiando aqueles que estão tentando derrubá-la. Como posso ajudar os distritos se todas as vezes que me movo o resultado é sofrimento e perdas de vidas? O velho que recebeu um tiro no Distrito 11 por assobiar. O castigo imposto ao 12 depois que intervim nas chicotadas de Gale. Meu estilista, Cinna, sendo arrastado, ensanguentado e inconsciente, da Sala de Lançamentos, antes dos Jogos. As fontes de Plutarch acreditam que ele tenha sido morto durante o interrogatório. O brilhante, enigmático e adorável Cinna está morto por minha causa. Afasto de mim o pensamento porque é exageradamente doloroso remoê-lo sem perder inteiramente os frágeis sustentáculos que mantêm minha sanidade sob controle.

*O que vou fazer?*

Tornar-me o Tordo... Será possível que algo de bom que eu venha a realizar supere os estragos decorridos de minhas ações? Quem pode me dar uma resposta confiável? Certamente não aquele pessoal do 13. Juro que, agora que a minha família e a de Gale estão fora de perigo, eu podia muito bem fugir. Exceto por uma única questão ainda não resolvida.

Peeta. Se pudesse ter certeza de que ele está morto, poderia simplesmente desaparecer na floresta e jamais olhar para trás. Mas até ter essa certeza, estou presa aqui.

Giro o corpo ao som de um sibilo. Na porta da cozinha, as costas arqueadas, as orelhas achatadas, encontra-se o gato mais horroroso da face da terra.

– Buttercup – digo. Milhares de pessoas estão mortas, mas ele sobreviveu e até parece bem alimentado. Com o quê? Ele pode entrar e sair da casa através da janela que sempre deixamos aberta na despensa. Deve estar comendo ratos do campo. Eu me recuso a imaginar quaisquer alternativas.

Eu me agacho e lhe estendo a mão.

– Vem cá, garoto. – Pouco provável. Ele está com raiva por ter sido abandonado. Além do mais, não estou oferecendo comida, e minha habilidade para providenciar alguma coisa para ele comer sempre foi a qualidade que mais o fazia se aproximar de mim. Durante certo tempo, quando costumávamos nos encontrar na antiga casa porque os dois detestavam a nova, parecia que nossos laços estavam se estreitando um pouco. Com toda certeza essa fase acabou. Ele pisca aqueles desagradáveis olhos amarelos.

– Quer ver a Prim? – pergunto. O nome dela desperta sua atenção. Além de seu próprio nome, essa é a única palavra que significa algo para ele. Ele dá um miado enferrujado e se aproxima de mim. Eu o pego nas mãos, afago seu pelo e então vou até o closet, pego minha bolsa de caça e o enfio lá dentro sem a menor cerimônia. Não há outra maneira de levá-lo no aerodeslizador, e ele é a coisa mais importante do mundo para minha irmã. Sua cabra, Lady, um animal que realmente vale alguma coisa, infelizmente não deu as caras.

No meu capacete, ouço a voz de Gale me dizendo que devo voltar. Mas a bolsa de caça me lembrou de mais uma

coisa que quero. Prendo a correia da bolsa nas costas e subo correndo a escada em direção ao meu quarto. Dentro do closet, está pendurada a jaqueta de caça de meu pai. Antes do Massacre Quaternário, eu a peguei na antiga casa e a trouxe para cá, imaginando que sua presença pudesse trazer algum conforto para minha mãe e minha irmã quando eu estivesse morta. Graças a Deus fiz isso porque, do contrário, a jaqueta teria virado cinzas.

O couro macio dá uma sensação tranquilizante e, por um momento, eu me acalmo com as lembranças das horas que passei agarrada a ela. Então, inexplicavelmente, as palmas das minhas mãos começam a suar. Uma estranha sensação me sobe pela nuca. Eu me viro rapidamente para encarar o quarto e o encontro vazio. Arrumado. Tudo em seu devido lugar. Não havia nenhum som que pudesse me assustar. O que foi, então?

Meu nariz coça. É o cheiro. Doentio e artificial. Uma pincelada branca escapa de um vaso de flores secas em meu vestíbulo. Eu me aproximo dele com passos cautelosos. Lá, obscurecendo suas primas, encontra-se uma flor branca recém-colhida. Perfeita. Até o último espinho e pétala sedosa.

E sei imediatamente quem a enviou para mim.

O presidente Snow.

Quando começo a ficar engasgada devido ao fedor, me afasto e saio dali. Há quanto tempo ela está lá? Um dia? Uma hora? Os rebeldes fizeram uma varredura de segurança na Aldeia dos Vitoriosos antes de receber permissão para vir até aqui, atrás de explosivos, dispositivos de escuta, qualquer coisa fora do comum. Mas talvez a rosa não parecesse relevante para eles. Somente para mim.

No térreo, arranco a bolsa de caça da cadeira, sacudindo-a rente ao chão até me lembrar de que há algo dentro. No gramado, aceno freneticamente para o aerodeslizador enquanto Buttercup se debate. Dou uma cotovelada nele, que fica furioso. Um aerodeslizador aparece e uma escada é baixada. Piso nela e a corrente me congela até eu ser erguida a bordo.

Gale me ajuda a sair da escada.

– Tudo bem?

– Ahã. – Enxugo o suor da testa com a manga da camisa.

*Ele deixou uma rosa para mim!* Eu quero gritar, mas esse com certeza não é o tipo de informação possível de compartilhar com alguém como Plutarch nas imediações. Em primeiro lugar, porque isso vai fazer com que eu pareça louca. Ou como se tivesse imaginado a coisa, o que é bem possível, ou tido uma reação exagerada, o que me obrigaria a retornar ao território dos sonhos induzido pelas drogas do qual estou tentando tanto escapar. Ninguém vai compreender totalmente – como aquilo não é apenas uma flor, nem mesmo apenas a flor do presidente Snow, mas uma promessa de vingança – porque ninguém mais estava sentado naquele escritório com ele quando me ameaçou antes da Turnê da Vitória.

Posicionada em meu vestíbulo, aquela rosa branca como a neve é uma mensagem pessoal para mim. Ela fala de um assunto não concluído. Ela sussurra: *Posso achá-la. Posso alcançá-la. Talvez a esteja vigiando agora.*